



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

A história das doenças por meio da fotografia: tratamento e difusão do acervo iconográfico do Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

Beatriz Lopes Mazim

Ráisa Mendes Fernandes de Souza

José Francisco Guelfi Campos

RESUMO

A fotografia tem sido um recurso amplamente utilizado na área da saúde não apenas por seu valor documental, mas também com objetivos didáticos. Estudos mais recentes vêm demonstrando o poder discursivo do material imagético, possibilitando a abertura de novos debates acerca de sua utilização como fonte histórica. O Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais é responsável pela salvaguarda de um acervo proeminente, com destaque para a coleção iconográfica. Este trabalho tem como objetivo geral relatar como está sendo o diagnóstico dessa coleção. Ainda que em caráter preliminar, espera-se lançar luz às questões relativas aos desafios implicados na identificação dos documentos iconográficos e seus impactos sobre o potencial informativo da coleção de forma geral para a pesquisa histórica.

Palavras-chave: Coleção iconográfica; Centro de Memória; Arquivologia; História das doenças

The history of diseases through photography: treatment and dissemination of the iconographic collection of the Centro de Memória da Medicina of Universidade Federal de Minas Gerais

ABSTRACT

Photography has been a resource largely used in the health field not just for its documentary value, but also for didactic purposes. Recent studies show imagery material discursive potency, enabling an opening for new debate about its usage as historical sources. The Centro de Memória da Medicina of Universidade Federal de Minas Gerais is responsible for the safeguard of a prominent collection with an emphasis in its iconographic compilation. This work has as its main objective a description of this collection diagnosis. Even if on a preliminary basis, its expected to



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

highlight questions concerning the challenges when it comes to identify iconographic documents and their impacts over informational potency of the compilation in general historical research.

Keywords: Iconographic compilation; Memory center; Archival science; History of diseases

1 INTRODUÇÃO

O período que compreende a segunda metade do século XIX e o início do século XX foi marcado por um acelerado desenvolvimento científico e tecnológico, impulsionado pela racionalidade técnica e positivista. Neste contexto, insere-se o surgimento e a difusão da fotografia enquanto instrumento de registro, tendo ela sido muito utilizada no campo das ciências por dispor de uma suposta objetividade e exatidão. A valorização das imagens presumidamente despidas de valores, em detrimento das representações manuais e artísticas, como pinturas e desenhos, se deu, também, no âmbito das ciências médicas.

No final do século XIX, então, os registros fotográficos de pacientes e práticas médicas tornam-se mais frequentes. A utilização dos registros imagéticos oferece possibilidades diversas para os estudos a respeito da saúde no período, por carregar consigo marcas e vestígios do contexto de sua produção. Importa sublinhar que a fotografia nunca foi isenta de preconceitos e valores. Justo o contrário, ela é atravessada por relações de poder, imaginários sociais e interesses de determinadas classes. Por exemplo, nota-se que, entre as poses nas quais os pacientes eram colocados para registro, havia uma predileção pelo posicionamento do corpo inteiro, ereto, em nu frontal (SILVA, 2014). Esta posição, preferida pela ciência por ser supostamente fria, racional, sem menção a gestos e emoções, também pode ser analisada a partir de um ponto de vista de vulnerabilidade e exposição do paciente. A exploração abusiva do corpo humano em nome da ciência contribuiu para o desenvolvimento das práticas médicas, de forma que “não teria a medicina avançado tanto, não fosse a colaboração



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

resignada de tantos 'corpos' que se deixaram tocar, abrir, invadir, subtrair, fotografar” (SILVA, 2014).

O Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG (Cememor) é responsável pela salvaguarda de um extenso e relevante acervo, composto por material museológico, arquivístico e bibliográfico.

Ribeiro (2012), na tentativa de mapear algumas práticas de memória contemporâneas, cita a existência dos lugares de memória como ponto de resistência (mesmo que tendencioso) ao esquecimento. Para a autora, são locais específicos criados, inclusive por meio de políticas públicas, com o propósito de fazer lembrar. Os lugares de memória construídos pelo poder público, muitas vezes materializados na forma museus, arquivos, bibliotecas e centros de memória, buscam preservar uma miríade de identidades e passados.

Este trabalho debruça-se sobre a organização de uma das coleções mais expressivas do setor: a coleção iconográfica. Destaca-se, nesta coleção, a presença de uma grande quantidade de fotografias, em sua maioria relacionadas às práticas médicas ou aos indivíduos envolvidos com a história da medicina em Belo Horizonte e, mais especificamente, do ensino da medicina na Faculdade. Tais fotografias encontram-se em formatos e suportes variados, como diapositivos (*slides*), ampliações, negativos em vidro e negativos em película - e se apresentam, também, em diferentes estados de conservação.

Em vista da necessidade de tratamento desses itens, iniciou-se o projeto intitulado “A história das doenças por meio da fotografia: tratamento e difusão do acervo iconográfico do Centro de Memória da Medicina da UFMG” o qual busca, inicialmente, a realização do diagnóstico e catalogação do acervo iconográfico, a fim de viabilizar estudos posteriores sobre a história das doenças. O presente artigo registra as atividades desempenhadas no âmbito do escopo do projeto até meados do primeiro semestre de 2022.



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

Antes disso, contudo, vale a pena tecer primeiramente algumas reflexões a respeito da potência da fotografia enquanto registro histórico, principalmente na área da saúde.

2 A FOTOGRAFIA ENQUANTO REGISTRO HISTÓRICO E SEU IMPACTO NA ÁREA DA SAÚDE

“Uma imagem vale mais que mil palavras”. O ditado popular, bastante difundido, embute alguns dos atributos imputados aos produtos da técnica da fotografia desde o surgimento e já incorporados ao senso comum: a ideia de que as imagens diferem de qualquer outro documento pela minúcia e pelo potencial de retratar a realidade observada com inacreditável exatidão e riqueza de detalhes, o que lhes confere, em tese, um estatuto superior de credibilidade.

Dos daguerreótipos às imagens codificadas em cadeias de bits, a fotografia tem servido a propósitos e usos sociais distintos que ora se entrelaçam, ora se sobrepõem ao longo do tempo. Do retrato – artefato ligado à ostentação e distinção, cujo consumo se viu por muito tempo limitado às classes mais abastadas e que, paulatinamente, popularizou-se entre as camadas médias da população até tornar-se acessível a praticamente qualquer pessoa que disponha de um smartphone – à obra de arte, a fotografia foi ganhando status de *souvenir*, de suporte das memórias individual e coletiva, de coadjuvante do relato jornalístico, de “instrumento de documentação em diversas áreas de investigação científica [...] [e] do controle da população por instituições” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 31).

A transformação da técnica e de seu produto em objeto de consumo de massa, possibilitada pelo desenvolvimento da tecnologia e da indústria gráfica, fizeram da imagem fotográfica, no dizer de Boris Kossoy (1993, p. 13), “um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública”. A aura de credibilidade e fidelidade que envolve a fotografia permitiu que o



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

registro imagético fosse incorporado ao exercício dos mais diversos campos disciplinares e às suas estratégias especulativas, conferindo força persuasiva ao discurso científico a partir de “um novo padrão de rigor” (SILVA, 2014).

No campo da Medicina, a produção e o uso de imagens têm sido frequentes desde a primeira metade dos oitocentos, especialmente nas áreas da clínica médica, da cirurgia, da histologia, da fisiologia e da medicina legal, para documentar desde casos de “criminalidade patológica” até os estudos comparativos de antes e depois das intervenções ortopédicas. Ainda nesse período, pouco depois da patente do daguerreótipo, o microscopista francês Alfred Donné obteve o primeiro registro resultante do processo da microfotografia. Pode-se dizer que, ao longo do século XIX, o meio médico sofreu de uma “febre” da fotografia, com seus agentes incursionando pelo universo das imagens em experimentos que, naquele tempo, justificavam-se pela curiosidade e pelo espírito investigativo em prol do avanço da ciência e que, hoje, revelam “a exploração abusiva do corpo humano como objeto de estudo; o gosto pelo bizarro; a confusão entre a representação e o real.” (SILVA, 2014).

Kossoy (1993) também alerta sobre as ideologias e capacidades manipulativas que carregam os discursos presentes nas fotografias e que antes não eram notadas. Ele explica que três elementos são indispensáveis para que o registro fotográfico exista: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. Entendendo que o processo que culmina na cristalização da imagem de um objeto em determinado espaço e tempo, o autor conclui que o produto gerado resulta da ação do homem.

Por conseguinte, é possível afirmar que o conteúdo, o ângulo, a intensidade das cores (ou a falta delas), as imagens que aparecem em primeiro e segundo plano, todos esses fatores, revelam uma intencionalidade do fotógrafo ou da pessoa que direcionou o olhar do profissional. Logo, os atores que interferiram diretamente na forma como a imagem foi captada almejam despertar determinados sentimentos nos futuros espectadores de sua criação.



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. Assim como as demais fontes de informação histórica, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Assim como os demais documentos, elas são plenas de ambiguidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração (KOSSOY, 1993, p. 14)

A partir da existência de um propósito nas fotografias, Kossoy (1993) também enfatiza a importância de se considerar outras nuances no uso desse tipo de documento na elaboração de uma pesquisa histórica, como o contexto social, político, econômico, religioso, artístico e cultural em que as fotografias foram concebidas.

No Brasil, o uso da fotografia como recurso de ilustração e de documentação de patologias, nas páginas dos periódicos especializados, é um fenômeno que remonta à virada do século XIX, embora sua propagação tenha se dado com maior vigor ao longo das duas primeiras décadas dos novecentos (SILVA, 2014).

A incorporação dos produtos da técnica da fotografia no rol dos artefatos que o historiador é capaz de transformar em fonte para a reconstituição e explicação do passado é, também, um fenômeno recente. Habituada à primazia dos documentos textuais, a historiografia da primeira metade do século XX concedia à fotografia um uso meramente ilustrativo ou, no melhor dos casos, uma posição de coadjuvante das fontes escritas. O valor probatório ou testemunhal das imagens lastreava-se, então, nas fontes textuais, servindo à “construção de narrativas de cunho positivista, baseadas no encadeamento factual e biográfico.” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 35). Se nos campos do fotojornalismo e das ciências como a Sociologia, a Antropologia e, também, a Medicina, a fotografia gozava de alto grau de credibilidade como documento textual, no âmbito dos museus de história e das ciências humanas, contudo, permaneceu por muito tempo relegada a segundo plano, tida como “expressão periférica dos fenômenos sociais produzidos na dimensão política e econômica” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 39).



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

No movimento de afirmação de seu estatuto científico, fortemente calcado na noção de verdade e no ideal de reconstituir os acontecimentos tal como eles efetivamente tinham sucedido, a História foi apoiar-se na Diplomática, disciplina surgida no século XVII, dedicada ao estudo da autenticidade dos documentos solenes.

Ao historiador “cientista” não competia “erigir-se em juiz ou moralizar”, assim como

não lhe cabia, também filosofar (HOLANDA, 1974, p. 439). Neste sentido, a historiografia produzida pela Escola Metódica rejeitou o documento iconográfico, conferindo-lhe a uma “posição subalterna na hierarquia de importância dos documentos utilizados na pesquisa” (BORGES, 2008, p. 23).

A superação do ideal de um discurso historiográfico objetivo e universalizante, na direção de um entendimento da “natureza compreensiva e interpretativa das ciências da cultura” (BORGES, 2008, p. 33), abriu espaço para a reinterpretção do ofício do historiador e da própria História como ciência, agora entendida como “uma construção que só funciona se operada a partir de um conjunto de hipóteses”. (BORGES, 2008, p. 34). Com isso, ao longo do século XX, a concepção de documento histórico vai aos poucos se alargando para encampar outras formas de expressão humana para além do documento escrito, de natureza oficial. Ainda que as fontes textuais nunca tenham perdido sua relevância, passaram a dividir espaço com os registros sonoro, audiovisuais e iconográficos, com os vestígios arqueológicos e com a enquete oral – enfim, com tudo aquilo que “o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, a falta das flores habituais. [...] com tudo aquilo o que, pertencendo ao homem, [...] significa a presença, a atividade, os gostos e a maneira de ser do homem” (FEBVRE, 1989, p. 249).

No Brasil, como assinalam Mauad e Lopes (2012), as reflexões sobre a fotografia como objeto de estudo e fonte da História, têm assumido caráter interdisciplinar e encontrado um espaço fecundo de produção desde a década de 1990, a partir dos trabalhos de Miriam Moreira Leite, Annateresa Fabris, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Boris Kossoy, os quais investem em reflexões acerca da



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

historicidade da representação espacial na fotografia, suas relações com a memória no circuito familiar, sua delimitação conceitual como prática social e de “uma epistemologia histórica que supera os limites do verbal rumo a uma história da visão, do visível e do visual” (MAUAD; LOPES, 2012, p. 268).

Utilizada por todos os segmentos da sociedade, tanto no âmbito da vida privada quanto nas atividades da administração pública, a fotografia se faz presente nos arquivos de forma sistemática. A presença constante – muitas vezes formando conjuntos volumosos – da imagem fotográfica nos arquivos públicos e privados, institucionais e pessoais, não contribuiu, contudo, para o aprofundamento dos estudos sobre o tema no campo da Arquivologia. No dizer de Lacerda (2012, p. 284), as fotografias têm sido “pouco problematizadas pelos profissionais que se dedicam ao seu tratamento arquivístico, mais precisamente no que diz respeito aos papéis que são conferidos ao registro fotográfico no processo de constituição dos próprios arquivos”.

Enquanto o historiador compreende como documento - ou fonte - qualquer vestígio que lhe permita obter indícios ou dados sobre o passado, a teoria arquivística compreende o documento como subproduto de atividades rotineiras. O documento de arquivo, assim, caracteriza-se por sua condição instrumental, pela função que cumpre de viabilizar as ações humanas, criando, modificando ou extinguindo situações (BELLOTTO, 2014). Justamente por ser instrumento necessário, o documento “de arquivo” é dotado de um valor probatório congênito em relação às atividades das quais participa (CAMARGO, 2003). Identificar o elo existente entre o documento e a sua razão de ser, isto é, a atividade que lhe deu origem, constitui o cerne do trabalho operado pelos profissionais de arquivo em suas tarefas de classificação e descrição documental. Talvez disso decorram os problemas ligados ao tratamento dos documentos de gênero iconográfico: enquanto o texto costuma ser autorreferente, evidenciando os motivos que presidiram sua criação e, não raro, carregando as marcas de sua tramitação no interior do itinerário burocrático em que se insere, as imagens se caracterizam justamente pela falta desses elementos que permitem conhecer ou reconstituir seus contextos originários.



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

Vale insistir que o documento iconográfico, independentemente da técnica de registro empregada em sua produção (fotografia, desenho, gravura etc.), é tão documento quanto aquele de gênero textual. O que o torna passível de tratamento arquivístico é a sua presença em um conjunto orgânico, são os laços que ele estabelece com as atividades da instituição ou pessoa que os acumulou. É certo que os métodos e procedimentos concebidos para a descrição dos documentos de gênero textual não se aplicam, por transposição, às fotografias e outros documentos imagéticos. Tampouco a descrição focada no conteúdo informacional da imagem

resolve o problema de dar aos documentos iconográficos um lugar lógico no interior do conjunto em que se inserem. Neste sentido, credenciar as fotografias como documentos de arquivo passa, inevitavelmente, pelo trabalho minucioso de pesquisa a respeito de seus contextos originários, buscando revelar, para tomar de empréstimo a expressão de Lopez (2000), “as razões e os sentidos” pelos quais foram produzidos e acumulados.

Kossoy (2014) pontua que, para além dos discursos existentes na imagem da fotografia, seu conteúdo não existe sem seu suporte. Logo, é natural a conclusão de que, para se preservar as fotografias, é necessário preservar o seu suporte também.

A fotografia, além de ser um vestígio carregado de historicidade, é um artefato a ser protegido contra a ação do tempo. Portanto, para a garantia da manutenção da integridade das fotografias, é preciso adentrar no campo da Preservação, seja ela física ou digital desses documentos para que sua vida útil seja prolongada. Porém, a Preservação se torna inócua quando a fotografia, inserida em uma coleção, não esteja recuperável para ser consultada, aspecto que envolve, no presente trabalho, os conceitos da Arquivologia.

Seguem então os procedimentos metodológicos aplicados nos primeiros meses de vigência do projeto.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

Trata-se de um relato de experiência focado no tratamento de fontes primárias, especificamente a parcela iconográfica de doenças de um acervo que se encontra sob a guarda do Cememor. Seguindo os dizeres de Luca (2022), essa identificação busca resgatar informações sobre a procedência, datação e autoria da coleção, uma vez que grande parte dela não carrega tais informações. Os procedimentos metodológicos relatados neste trabalho limitam-se ao que foi executado de dezembro de 2021 até março de 2022.

Para sistematizar a etapa de diagnóstico, elaborou-se uma planilha com o intuito de contabilizar os itens iconográficos, além de registrar resumidamente o estado de conservação desta coleção. O foco inicial consistiu nas fotografias e nos negativos, excluindo, nesta etapa, outros itens iconográficos. A planilha compunha-se de duas seções: uma destinada ao registro de informações gerais sobre o conjunto documental e outra para a identificação das parcelas que o constituíam, de modo a oferecer, após o preenchimento, uma visão geral do conjunto que permitisse o planejamento do projeto descritivo e das ações de higienização, acondicionamento e conservação preventiva.

Anteriormente ao início do preenchimento desta planilha, foi necessário reunir todos os itens iconográficos em um único espaço, uma vez que eles estavam espalhados em diferentes espaços do Cememor.. A etapa inicial do projeto correspondeu à separação das caixas que continham fotografias em um mesmo ambiente, para que estas pudessem ser contabilizadas. Assim, o conteúdo de cada caixa foi quantificado e passou por um processo de identificação sumária, para o que se utilizou uma planilha eletrônica padronizada. Nessa fase, o estado de conservação foi apenas registrado, não tendo sido realizada nenhuma intervenção junto aos itens documentais

Para o diagnóstico geral da coleção, foram considerados os seguintes aspectos::

- 1. Nome do conjunto:** título atribuído ao conjunto documental, seguido de sua sigla entre parênteses. No caso atribuiu-se o nome de Coleção Iconográfica (CI) para essa parcela do acervo.
- 2. Datas-limite:** Ano do documento mais antigo e ano do documento mais recente, separados por traço. Os documentos iconográficos mais antigos encontram-se



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

em suportes frágeis e já obsoletos, como os negativos de vidro. Nesses negativos podem ser encontradas imagens de alguns dos docentes fundadores da Faculdade. Logo, estima-se que esses itens mais antigos foram produzidos na década de 1910 e os mais recentes antes de 2002.

- 3. Extensão aproximada:** Quantificação estimada do total do conjunto, de acordo com o número de itens documentais ou com sua medida em metros lineares, a depender das circunstâncias e possibilidades de contabilização. Até a data de elaboração do presente trabalho, foram contabilizados cerca de 8 mil itens documentais.
- 4. Localização:** Lugar (sala, móvel) em que os documentos estão armazenados. Os itens foram encontrados em sua maioria, com raras exceções, no arquivo deslizante do setor.
- 5. Estado de conservação:** Descrição sucinta do estado geral de conservação do conjunto documental, com base na avaliação feita durante o diagnóstico preliminar. De forma geral, os itens da coleção encontram-se em bom estado de conservação, apresentando suportes íntegros e legíveis.
- 6. Data de aquisição:** não há registros de doação da maioria dos itens iconográficos, porém é possível delinear algumas estimativas de períodos de aquisição. Considerando a data de criação do Cememor, que foi em 1977 e o fato de que, no momento da criação do setor já havia um acervo retrospectivo considerável destinado ao espaço, é possível afirmar que os itens mais antigos foram doados na data de implantação do setor. Já os itens iconográficos mais recentes foram doados em 2002.

Na etapa de diagnóstico mais detalhado, foram levantadas os seguintes dados a respeito dos documentos::

- 1. Número de referência:** código numérico provisório de localização dos documentos no depósito. O código criado considerava o número atribuído a cada estante do armário deslizante, o número da prateleira e o número da unidade de



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

acondicionamento, conforme a Figura 1, que mostra o leiaute da planilha e alguns campos preenchidos.

Figura 1 - Planilha de Diagnóstico do acervo

Número de referência	Unidade de acondicionamento	Localização	Conteúdo	CONTÉUDO			Unidade de medida	Conservação	Prioridade de intervenção	Observações	Fotografado
				Datas Início	Medidas						
16	6-1-1	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) apresentação de aulas, exames e fotos de pa	1988 - 1997	24	tens documental	Bom	3	Slides pertencentes ao Dr. Guilherme Cabral	Sim	
17	6-1-2	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) apresentação de aulas, exames e fotos de pa	1988 - 1997	25	tens documental	Bom	3	Slides pertencentes ao Dr. Guilherme Cabral	Sim	
18	6-1-3	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e fotos de pacientes, relatórios e s	1984 - 1997	64	tens documental	Bom	3	Slides pertencentes ao Dr. Guilherme Cabral	Sim	
19	6-1-4	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e fotos de pacientes, relatórios e: ref	1986 - 1999	30	tens documental	Bom	3	Caixa sem identificação de dono prévia	Sim	
20	6-1-5	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) pré e pós-operatório, fotos de cirurgias e r	s/d	31	tens documental	Bom	3	Cirurgias estéticas?	Sim	
21	6-1-6	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e pacientes. Alguns slides in	1984 - 1993	43	tens documental	Bom	3	Slides pertencentes ao Dr. Guilherme Cabral	Sim	
22	6-1-7	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e fotos de pacientes, relatórios a: r	1988 - 2000	28	tens documental	Bom	3	Slides pertencentes ao Dr. Guilherme Cabral	Sim	
23	6-1-8	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e fotos de pacientes e procedimentos cirú	1992 - 1993	16	tens documental	Bom	3		Sim	
24	6-1-9	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) procedimentos cirúrgicos e tratamentos rel	s/d	20	tens documental	Bom	3	nome "Oleandino" escrito e colado no carrossel	Sim	
25	6-1-10	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) orientações de aulas, imagens de exames e pa	s/d	32	tens documental	Bom	3		Sim	
26	6-1-11	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) fichos com apresentações de aula referentes i	s/d	9	tens documental	Bom	3		Sim	
27	6-1-12	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) as, imagens de pacientes e procedimentos cir	1991 - 1994	21	tens documental	Bom	3		Sim	
28	6-1-13	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) fichos, fotos de fundadores da Faculdade de F	s/d	165	tens documental	secimento, mofo, umid	2	7 itens molhados, apagados. Acervo Oromar M	Sim	
29	6-1-14	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) Slides de temas diversos	s/d	111	tens documental	secimento, mofo, umid	2	Alto fone prejudicado. Acervo Oromar M	Sim	
30	6-1-15	Caixa (plonondas)	...ário deslizando (lado 6, j) relatórios à neurologia, como: tumores da r	1979 - 2002	742	tens documental	Bom	3	ao Dr. Guilherme Cabral, entre os slides há d	Sim	
31	6-2-1	Estojo (metal)	...ário deslizando (lado 6, j) exames e pacientes com doenças não espec	1974 - 1976	78	tens documental	Bom	3	Alguns slides estão levemente dobrados	Sim	
32	6-2-2	Estojo (metal)	...ário deslizando (lado 6, j) ilustrações didáticas referentes à disciplina e	1973	45	tens documental	Bom	3	Caixa com o nome do Prof. Lima Netto	Sim	
33	6-2-3	Carrossel (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) com ilustrações didáticas e representações de	s/d	77	tens documental	secimento, oxidação, pr	2	nal havia resíduos que indicavam a presença	Sim	
34	6-2-4	Estojo (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) gráficos com imagens de exame de endoscopi	s/d	24	tens documental	Bom	3	Slides do Acervo Dr. Nereu de Almeida Junior	Sim	
35	6-2-5	Estojo (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) gráficos com imagens de exame de endoscopi	s/d	20	tens documental	Bom	3		Sim	
36	6-2-6	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) imagens de paisagens, flores, e do brasão da	s/d	14	tens documental	Bom	3		Sim	
37	6-2-7	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) fotos de paisagens, construções e do prédio d	s/d	34	tens documental	Bom	3		Sim	
38	6-2-8	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) fotos do pré e pós-operatório de um procedi	s/d	13	tens documental	Bom	3		Sim	
39	6-2-9	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) ram os resultados de cirurgias plásticas (mar	s/d	12	tens documental	Bom	3		Sim	
40	6-2-10	Caixa (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) fichos de pré e pós-operatório de cirurgias de	s/d	20	tens documental	Bom	3		Sim	
41	6-2-11	Envelope (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) fotografias de fotos de evento não especifi	s/d	7	tens documental	Bom	3		Sim	
42	6-2-12	Envelope (papel)	...ário deslizando (lado 6, j) pós-operatório de cirurgias diversas e fotos d	s/d	14	tens documental	Bom	3		Sim	
43	6-2-13	Caixa (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) imagens de lâminas microscópicas e partes	s/d	45	tens documental	Bom	3	Caixa indica que fotos são referentes a "Jaundi	Sim	
44	6-2-14	Caixa (plástico)	...ário deslizando (lado 6, j) cópias, além de uma tabela com dados sob	s/d	11	tens documental	Bom	3		Sim	

Fonte: elaborado pelos autores.

- 2. Localização:** lugar (sala, móvel) em que a parcela do conjunto a ser identificada se encontra armazenada.
- 3. Unidade de acondicionamento:** tipo de invólucro que comporta os documentos, de acordo com uma lista auxiliar. Os itens iconográficos foram encontrados dentro de envelopes de papel pardo, caixas de papel e em poliondas, carrosséis, estojos de papel e de metal, jaquetas de plástico, dentre outros. A Figura 2 mostra, da esquerda para a direita, slides armazenados em estojos de acrílico que por sua vez estavam dentro de uma caixa de polipropileno; slides em jaquetas de plástico dentro de uma pasta de polipropileno e por último, slides soltos dentro de uma caixa de papelão.

Figura 2 - Algumas unidades de acondicionamento encontradas



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022



Fonte: Elaborado pelos autores.

4. **Conteúdo:** breve descrição do conteúdo documental da parcela diagnosticada. De forma geral, as imagens registravam eventos promovidos pela Faculdade, turmas de alunos, docentes ativos e aposentados, pacientes, imagens microscópicas utilizadas em sala de aula, hospitais, o conjunto arquitetônico do antigo prédio que abrigava a Faculdade, dentre outros conteúdos;
5. **Datas-limite:** ano do documento mais antigo e ano do documento mais recente que estiverem inseridos no mesmo invólucro.
6. **Medidas:** quantificação estimada do total de itens inseridos no mesmo invólucro.
7. **Unidade de medida:** campo atrelado ao anterior, indica se a quantificação da parcela do conjunto documental foi feita considerando-se o número de *itens documentais* ou a extensão em *metros lineares*. Campo de preenchimento pré-programado. O Cememor possui apenas algumas poucas dezenas de negativos fotográficos de película, que por sua constituição física em formato de “fita”



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

poderiam se encaixar na unidade em metros, porém optou-se pela contabilização de cada fotograma presente nos negativos de película encontrados.

8. Conservação: campo que serve para indicar, sucintamente, os tipos de ocorrências adversas à boa conservação dos itens documentais. O preenchimento foi realizado também conforme uma tabela auxiliar elaborada de acordo com os tipos de degradação: acidez elevada, corrosão, esmaecimento, furo, mofo, oxidação, pragas, rasgo e umidade. Alguns tipos de degradação identificados, como esmaecimento, mofo e vestígios antigos de pragas são ilustrados nas Figuras 3 e 4.

9.

Figura 3 - Ocorrências de degradação encontradas



Fonte: elaborado pelos autores

A falta da aplicação de técnicas de conservação preventiva afeta diretamente o conteúdo das fotografias, como é possível perceber nas duas imagens. Logo, a preservação das coleções é essencial para que a imagem permaneça registrada e possa servir de objeto de análise.



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

10. Prioridade de intervenção: indicação do nível de prioridade de intervenção na parcela do conjunto documental, de acordo com uma escala decrescente em que o número 3 seria referente à uma baixa prioridade, aplicando-se aos casos em que os problemas de conservação não colocam em risco iminente a preservação da integridade dos suportes, como a presença de acidez, sujidades, rasgos, vincos etc. O número 2, por sua vez, estaria relacionado com uma média prioridade, registrada em situações em que os problemas de conservação exigiam medidas relativamente prioritárias de conservação para preservação da integridade dos suportes, mas não colocavam as demais parcelas do acervo em risco. Já o número 1 indica máxima prioridade, aplicando-se aos casos em que as degradações sofridas pelo acervo são extensas e complexas, colocando em risco o restante dos itens, como a presença de pragas vivas e mofo ativo. Felizmente, nenhuma parcela da coleção apresentou prioridade máxima de intervenção, sendo o nível 3 atribuído para a totalidade dos agrupamentos de itens analisados até então.

Figura 4 - Outros exemplos de suportes degradados



Fonte: elaborado pelos autores



1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

11. Observações: campo de preenchimento livre, destinado ao registro de informações consideradas importantes, desde que não previstas nos demais campos da ficha. Utilizou-se esse campo para registrar a procedência das parcelas do conjunto documental, esclarecer detalhes sobre o estado de conservação e anotar dúvidas surgidas no processo de identificação do material.

12. Fotografado: campo de preenchimento controlado. Indica se a parcela diagnosticada foi fotografada durante o processo de identificação. Opções disponíveis: Sim ou Não.

Para fins de organização das imagens, foram atribuídos códigos para as fotos, no momento de salvá-las, correspondente à localização física do material (número de referência). Até então, apenas parte da coleção foi fotografada.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela pandemia de Covid-19, o que impossibilitou que a equipe desse andamento nas atividades com frequência, o projeto não precisou ser interrompido, gerando bons resultados preliminares, como foi o caso do preenchimento da planilha de diagnóstico, que subsidiará análises mais precisas e a elaboração de um instrumento descritivo para a coleção.

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos, seguem as considerações finais advindas das atividades descritas neste artigo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto se caracteriza por ser a primeira iniciativa, em 45 anos, de descrição sistematizada e acondicionamento da coleção iconográfica, cuja extensão se mostra bem maior do que as estimativas antigas feitas pela equipe. Em vista da extensão e diversidade do acervo, torna-se um desafio a sua organização plena, uma vez que o setor tem sofrido com a falta de mão de obra especializada.

Apesar das críticas sobre a manipulação existente nas fotografias, principalmente na área médica, Kossoy (1993) considera a importância desse



UFJ

1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

documento enquanto testemunho capaz de preservar a memória de cenários, personagens e fatos. Ele prossegue afirmando que coleções e bancos de imagens certamente serão de extrema importância para a comunidade científica.

Também existem obstáculos quanto à identificação da procedência dos itens iconográficos, uma vez que grande parte não apresenta documentação comprobatória sobre a origem de sua doação. Essa dificuldade se estende à identificação das doenças registradas, já que não se sabe quais foram os doadores e suas respectivas especialidades. No entanto, esta dificuldade poderá ser sanada por meio da consulta a especialistas, representando uma oportunidade de trabalho colaborativo com docentes e pesquisadores da Faculdade de Medicina. Os desafios apresentados neste artigo evidenciam o caráter dinâmico do acervo de um centro de memória, cujo tratamento exige a harmonização de múltiplas habilidades e competências, além do trabalho colaborativo entre os membros de uma equipe multidisciplinar, coesa e engajada.

Com o acervo devidamente organizado, será possível o desenvolvimento de projetos que discutam os possíveis discursos embutidos nas imagens, sejam eles discriminatórios ou inclusivos. Obviamente que a descrição das imagens também será útil para pesquisadores externos interessados nas doenças registradas, o que transforma a iniciativa de tratamento da coleção iconográfica em grande potencializador para pesquisas inseridas na história da saúde.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Da gênese à função: o documento de arquivo como informação e testemunho. In: BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 329-344.

BORGES, Maria Elisa Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Sobre o valor histórico dos documentos. **Arquivo Rio Claro**, Rio Claro (SP), n. 1, p. 11-17, 2003.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke. **Revista de História**, v. 50, ano 25, p. 431-482, out.-dez. 1974.

KOSSOY, Boris. Estética, memória e ideologia fotográficas. **Acervo**, Rio de Janeiro, v 6, n.12, 1993, p.13-24. Disponível em:
https://issuu.com/bdlf/docs/1993_rev_arq_nacional_v6. Acesso: 09 ago. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5ªed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 29-60.

LOPEZ, André Porto Ancona. **As razões e os sentidos: finalidades da produção documental e interpretação de conteúdos na organização arquivística de documentos imagéticos**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2000.

LUCA, Tânia Regina de. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio

de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 265-281.



1º Colóquio de História da Saúde e das Doenças do Sudoeste Goiano

09/03/2022 – 11/03/2022

RIBEIRO, Ana Paula Goulart A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (org). **Entretenimento, felicidade e memória**: forças moventes do contemporâneo. São Paulo: Anadarco, 2012.

SILVA, James Roberto. Fotografia e ciência: a utopia da imagem objetiva e seus usos nas ciências e na medicina. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 2, p. 343-360, maio-ago. 2014